

O MUSEU REAL DA ÁFRICA CENTRAL DE TERVUREN: COMO NÃO DESCOLONIZAR UM MUSEU

GUSTAVO RACY¹

À medida em que adentro o Museu Real da África Central, no município de Tervuren, próximo a Bruxelas, Bélgica, sinto a estranha sensação de déjà vu. A primeira impressão é de beleza. O monumental complexo construído por Leopoldo II impressiona, ainda hoje, a despeito de seu conservadorismo arquitetônico — o palácio foi projetado pelo arquiteto do Petit Palais de Paris — quase banal, considerando-se a época e, para qualquer historiador amador, uma clara exibição de imponência e riqueza. É, no entanto, belo. Inegavelmente belo. A primeira sala do museu, passada a bilheteria, exhibe uma maquete do complexo inteiro, construído para a Exposição Mundial de 1897 na qual, dentre outras coisas, o museu exibiu 267 homens, mulheres e crianças “importados” do Congo (cf. Hochschild, 1999). Nada, na sala, indica este passado de forma tão explícita. Em meio a vitrines mistas de máscaras africanas e instrumentos musicais europeus, uma placa, à entrada da sala, explicita:

GALERIA INTRODUTÓRIA

Um museu em movimento

O Museu Real da África Central evoluiu de uma instituição colonial para um centro de referência científica para a África e um elo entre culturas e gerações.

O museu tem origem na exposição colonial na Feira Mundial de 1897, uma iniciativa do Rei Leopoldo II, que a

¹ ¹ Professor substituto do Departamento de Antropologia da UFPR – Pós-doutorando na UNIFESP.

via como uma ferramenta de propaganda para apresentar seu projeto colonial de forma positiva.

Hoje, o museu possui ampla experiência em ciências naturais e biológicas e administra coleções únicas e incrivelmente diversas. Trabalha em estreita colaboração com instituições e com as diásporas africanas e, anualmente, contribui para a formação de 130 cientistas e funcionários públicos africanos.

O museu contribui significativamente para a disseminação do conhecimento sobre a África e é um parceiro ativo em diversos projetos de pesquisa internacionais. O desenvolvimento sustentável é uma prioridade nesse sentido.

Aparentando mais uma apologia ao seu caráter científico e historicamente consciente, a galeria introdutória do museu deixa claro o seu objetivo, e faz questão de mostrar que, se um dia, foi uma instituição colonialista, hoje colabora com o treinamento e a capacitação de profissionais africanos, além de ser um centro de referência para o estudo de África. De que modo isso resolve, ou mesmo evita uma postura colonialista, entretanto, não fica claro.

Porque a sensação de déjà vu, entretanto? De algum modo, enquanto sigo o caminho delimitado, a impressão causada pelos passantes que se delongam em acariciar a longa piroga congoleza (Imagem 1), remete ao exotismo, tão comum, ainda em 2018, quando de minha visita, ao se introduzir, num contexto Eurocêntrico, a diferença. Os primeiros europeus a desembarcarem no Congo não foram os belgas, mas os portugueses, primeiro por acidente, na expedição de Diogo Cão, depois em rota estabelecida a partir de 1491, desenvolvendo comércio e contato constante e crescente com Mbanza Kongo, a sede do trono do Reino do Congo. O Museu de Tervuren, entretanto, não faz menção ao fato. É, afinal, um museu belga. A história que serve de referência aos estudos de África começa, portanto, a partir do Século XIX, menção exclusiva feita somente aos escravistas árabes que, na narrativa oficial, presentes na região desde antes do domínio belga, foram empurrados de volta à costa leste africana pela força colonial de Leopoldo II. Erro crasso, tais escravistas não eram árabes, mas arabizados, em sua maior parte, povos de origem linguística Swahili, muitas vezes islâmicos, poucas vezes de origem árabe, que disputavam com os europeus os espólios da exploração do mercado escravista. Em toda a exibição, foi reservada uma única sala dedicada ao início da exploração de Leopoldo II, com alguns grilhões em exibição e, é claro, o tão desejado marfim, a principal matéria-prima explorada durante as décadas de 1880 e 1890, até o início da exploração da borracha.

Curiosamente, essa mesma sala lida com todo o passado colonial belga, mostrando o desenvolvimento das relações problemáticas entre colônia e metrópole ao longo de 80 anos, condensados em alguns painéis que, enquanto exibem 80 anos de estagnação racista, não se exime em demonstrar os esforços de assimilação; como em toda colônia, do negro ao colono, e não o contrário. Desta feita, compreende-se a divisa proclamada por Éric Vuillard (2012), de que o “Congo não existe!”, sendo necessário, portanto, inventá-lo. E que invenção! Foco do díptico composto por Lobi Kuna (2017) e Palimpsests of the Africa Museum (2018) do cineasta belga Matthias De Groof (o último em colaboração com Mona Mpembele), o Museu de Tervuren, sua conceitualização e seu conteúdo, são alvos de duras críticas em um momento do tempo em que, precisamente, os espólios coloniais catalogados e exibidos em museus passam a ser reivindicados pelas antigas colônias.

E, entre todos os artefatos, todas as máscaras, os mapas linguísticos e as palavras bantu tão familiares, as amostras de espécies variadas de feijões nativos e os nkisi, o que mais impressiona são duas vitrines em que, em um relance, entendo a sensação experienciada ao entrar no museu. A primeira, uma lukasa, uma “tábua da memória”, uma peça artesanal contendo contas que só podem ser lidas por bana balute, os “homens da memória”, que são capazes de recontar genealogias, histórias de guerra, dinastias e migrações com um deslizar dos dedos sobre as contas; a segunda vitrine exhibe, espalhados, álbuns fonográficos. Dentre eles, no topo, tímido, o sorriso conhecido de Martinho da Vila estampando seu álbum de 1969. A primeira vitrine me apontava a ironia do museu, que funciona justamente como uma lukasa, compondo, desmontando e recompondo histórias segundo a autoridade de seus membros; a segunda vitrine, por sua vez, me permitiu recontar a história do Congo e, com ela, a do Brasil. As fotos aqui dispostas são amostras do percurso que nos faz, com a cabeça baixa, infelizmente, reviver o trauma colonial.



Imagem 1. Uma piroga congoleza na entrada do Museu Real da África Central. Fonte: Acervo Pessoal.

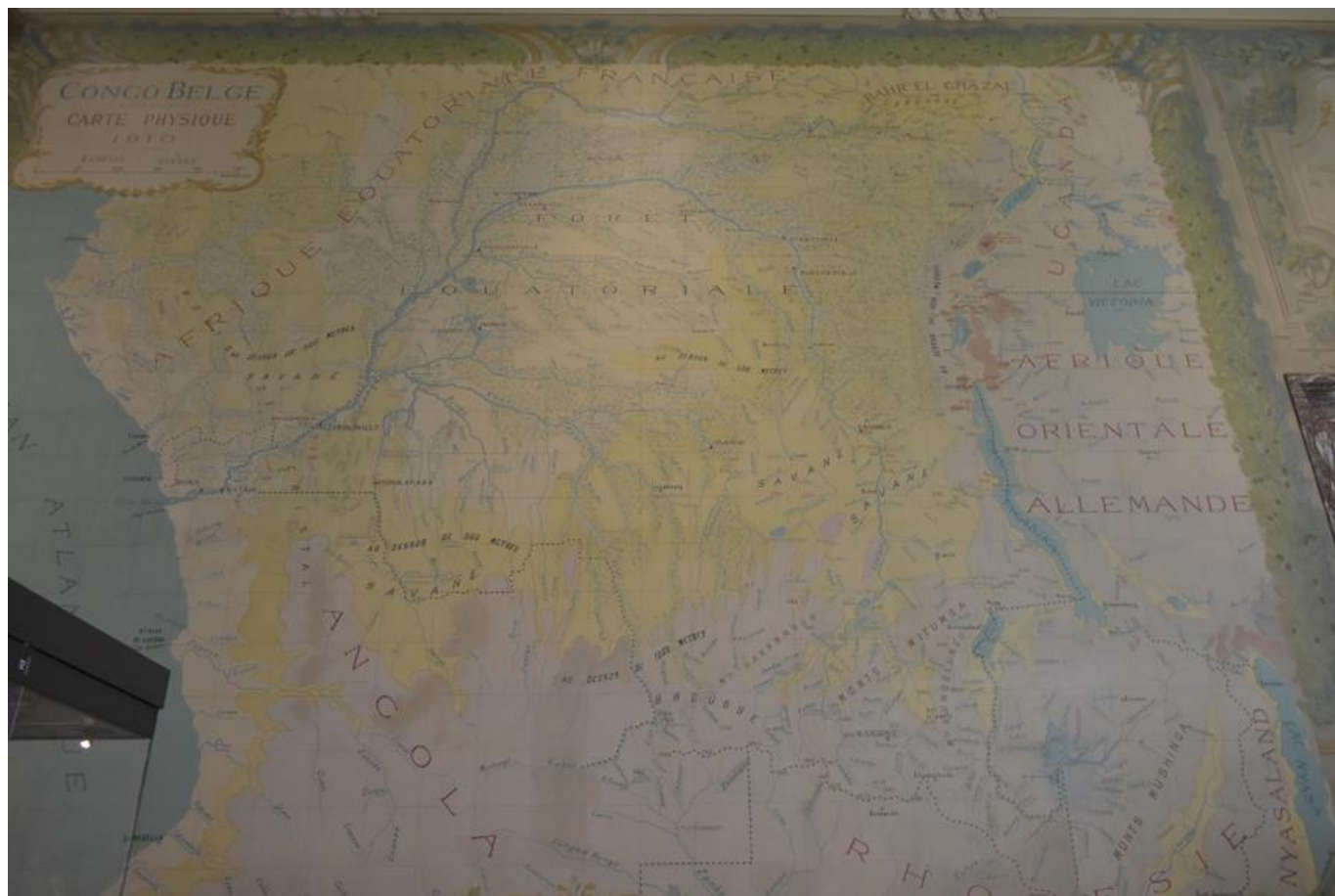


Imagem 4. Mapa físico do então Congo Belga. Fonte: Acervo Pessoal.



Imagem 6. Um dos poucos destaques do museu sobre a exploração de humanos e animais de África. Fonte: Acervo Pessoal

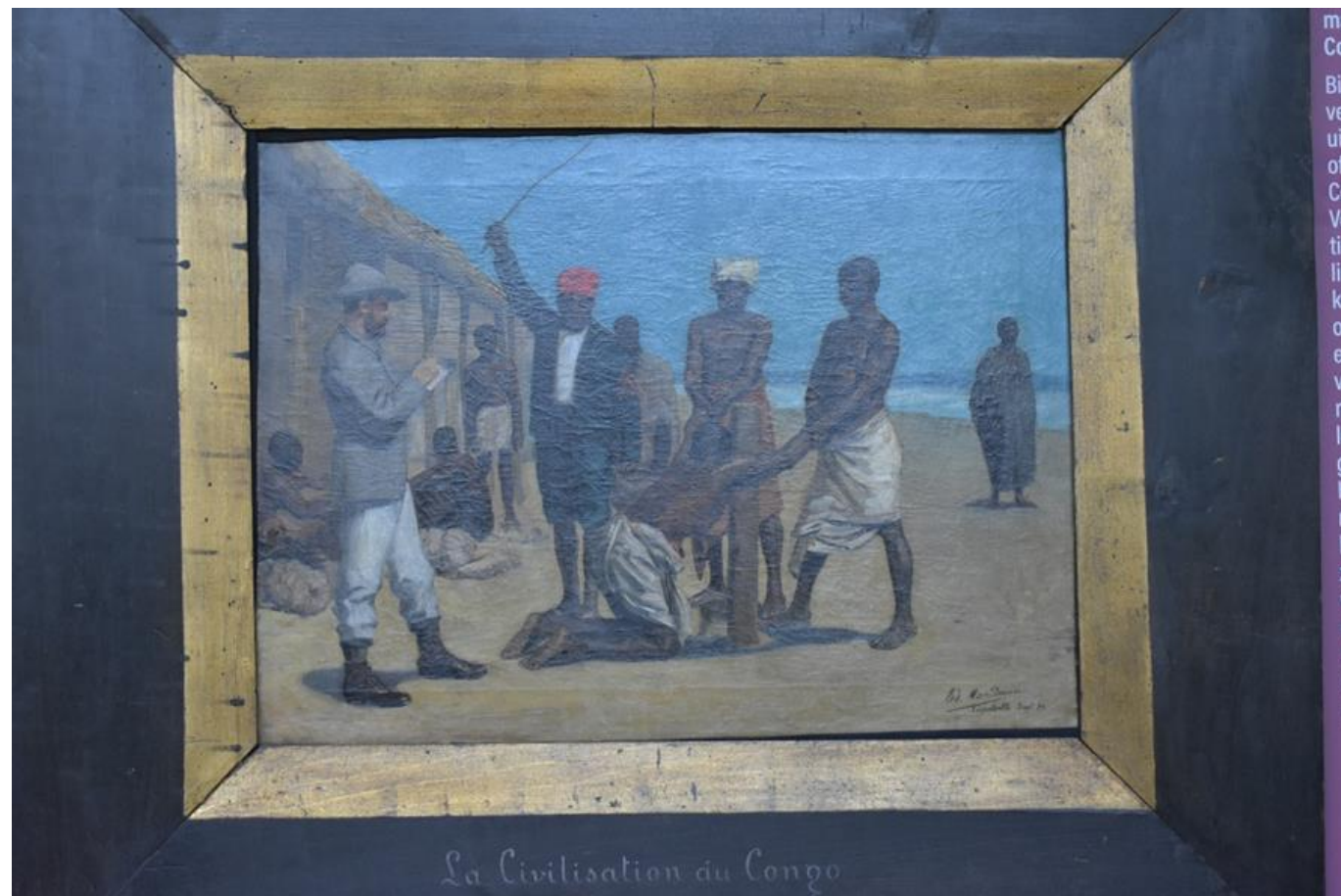


Imagem 7. "A Civilização no Congo", retratada por pintor belga. Fonte: Acervo Pessoal.



Imagem 9. Álbuns fotográficos do século XX colocam lado a lado o cotidiano de pretos e brancos com aparente igualdade. Fonte: Acervo Pessoal.



Imagem 10. Martinho da Vila me encara, produto de museu, entre grandes nomes da música negra. Fonte: Acervo Pessoal.

REFERÊNCIAS

LOBI KUNA. DIREÇÃO DE MATTHIAS DE GROOF. PRODUÇÃO DE DANIEL DE VALCK. BRUXELAS: COBRA FILMS, 2017. (46MIN.).

PALIMPSESTS OF THE AFRICA MUSEUM. DIREÇÃO DE MATTHIAS DE GROOF. PRODUÇÃO DE DANIEL DE VALCK. BRUXELAS: COBRA FILMS, 2018. (75MIN.).

HOCHSCHILD, ADAM. **KING LEOPOLD'S GHOTS. A STORY OF GREED, TERROR, AND HEROISM IN COLONIAL AFRICA.** BOSTON AND NEW YORK: MARINER BOOKS, 1999.

VUILLARD, ÉRIC. **CONGO.** ARLES: BABEL, 2012.

Recebido em 31 de julho de 2024.
Aprovado em 22 de abril de 2025.
Revista Mundaú, 2025, n. 18, p. 224–234.